

A EPÍGRAFE LATINA COMO ELEMENTO DIDÁCTICO (XVIII)

Escrevia, na nota anterior, sobre o interesse do estudo dos *cursus honorum* patentes nas inscrições honoríficas.

Na verdade, se uma inscrição funerária se prende mais com um ambiente familiar, íntimo – ainda que a repercussão social do monumento não seja despicienda; se um ex-voto constitui como que «contrato» entre o devoto e a divindade; se os textos monumentais assumem solenidade, o certo é que, por detrás de uma inscrição honorífica está, necessariamente, todo um jogo de interesses, de complicidades e – porque não? – de ternuras, que a benemerência gera também largos sentimentos afectivos...

E referiu-se, a talhe de foice, uma das mais significativas epígrafes romanas achadas, até ao momento, em território nacional: a placa destinada a um cenotáfio proveniente da *villa* romana de Nossa Senhora da Tourega, nos arredores de Évora¹.

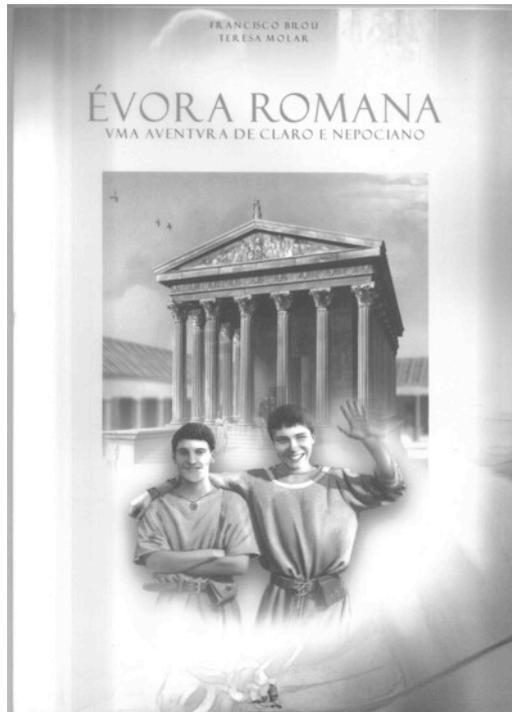
Ao longo dos anos – já lá vai quase uma década! – tenho procurado mostrar nestas páginas como, através das epígrafes, também se pode ensinar Latim. Creio, porém, não ter ainda sublinhado suficientemente o facto de, a partir de uma inscrição romana, também se poder escrever... um livro! E não podia deixar de aproveitar este ensejo para o referir.

Uma epígrafe na origem de livro em banda desenhada

É que, no âmbito da Feira do Livro, foi apresentada, a 2 de Junho p. p., na Biblioteca Pública de Évora, a obra *Évora Romana – Uma Aventura de Claro e Nepociano*, da autoria de Francisco Bilou e Teresa Molar².

¹ Cf. José d'ENCARNAÇÃO, *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis – Subsídios para o Estudo da Romanização* (= IRCP), Coimbra, 1984, p. 456-458, inscrição n.º 382; Emílio HÜBNER, *Corpus Inscriptionum Latinarum*, II, Berlim, 1869, n.º 112.

² Iniciativa de Edições Colibri, com o apoio da Câmara Municipal de Évora, da Fundação Eugénio de Almeida, da Delegação Regional da Cultura do Alentejo e do Governo Civil do Distrito de Évora.



Em banda desenhada de mui excelente apresentação e grafismo, o livro conta a história de dois jovens romanos que, aproveitando a ausência dos pais, em serviço do Imperador na província da Gália Narbonense, iludem a vigilância dos aios e fogem para o emaranhado da cidade, onde pretendem concretizar o seu sonho de sempre: participar, como aurigas, numa corrida de cavalos, no hipódromo!

Claro que o resto não se conta, é para o leitor descobrir e saborear. Interessa, porém, realçar o enorme interesse do livrinho – e uso o diminutivo, quer por ‘ternura’ quer porque a história se lê num abrir e fechar de olhos, é daquelas de que se não despega enquanto se não chega ao fim!...

O mais curioso, porém, será assinalar que... as personagens da trama existiram na realidade! São, precisamente, Quinto Júlio Claro e

seu irmão, Quinto Júlio Nepociano, memorados na referida grande placa epigrafada da Tourega. Lá se diz que o pai, Quinto Júlio Máximo, fora *legatus provinciae Narbonensis Galliae* – e Francisco Bilou e Teresa Molar não estiveram para meias medidas: os filhotes não acompanham os pais nessa ida para a Gália e... fazem das suas pela cidade!

Epigrafia e Literatura

Saliente-se que é a primeira vez que, na literatura portuguesa, uma inscrição romana tem honras de fornecer o enredo para uma história. Eu próprio já tivera ensejo de, a partir de um curioso fragmento epigrafado proveniente de Loulé, inventar «A história de uma escrava romana»³; mas foram escassas linhas imaginadas para enquadrar o monumento no seu tempo.

Em Itália, Lidia Storoni Mazzolani, amiga de Marguerite Yourcenar (a conhecida autora das *Memórias de Adriano*), enveredou por esse caminho e deixou-nos, de facto, diversos livros inspirados em inscrições romanas, que eu muito gostaria de ver, um dia, traduzidos para português⁴. Francisco Bilou e Teresa Molar são, pois, neste aspecto, os pioneiros.

E pegaram no tema muito bem, uma vez que o livro – para além de contar uma história perfeitamente verosímil – é, fundamentalmente, maravilhoso pretexto para um passeio pelas ruas, usos, costumes, fisionomia de uma cidade romana. São usados, a cada passo, os termos técnicos – de que, no final, se apresenta bem oportuno glossá-

³ Artigo publicado na *Al'ulyã*, Revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé, vol. 8, 2001-2002, p. 23-33.

⁴ A título de exemplo: *Iscrizioni Funerarie Romane* (Biblioteca Universale Rizzoli, Milão, 1991), antologia de 175 textos funerários particularmente significativos do ponto de vista literário e documental, que tive ensejo de comentar na *Conimbriga* (31, 1992, 197-199), texto que, com alterações, reproduzi em *Estudos sobre Epigrafia* (Minerva, Coimbra, 1998, p. 131-134); *Sul Mare della Vita* (1969), *Una Moglie* (1982)...

rio – e não se perde ocasião para explicar, ainda que indirectamente, como se fazia isto, como, afinal, se vivia (ou se poderia ter vivido) nesta *Liberalitas Iulia Eborae*, de que o templo romano é ex-libris e as monumentais termas descobertas nos Paços do Concelho o sinal evidente de faustosa prosperidade.

De resto, Évora mantém o palmarés em número de famílias senatoriais romanas conhecidas até ao momento: seis ou sete, de que se mostram no Museu Distrital eloquentes e bem significativos monumentos, de preciosa decoração.

Uma obra original, didáctica, bonita, de leitura fácil – daquelas que apetece pôr na mesinha da sala de visitas, para que, de vez em quando, agradavelmente seja folheada, tanto pelos da casa como pelos visitantes.

Literatura e Epigrafia

Não poderíamos, todavia, terminar este apontamento sem aludir à circunstância de a inversa também ser verdadeira: se as epígrafes podem servir para criar obras literárias, igualmente, ao tempo dos Romanos, as obras literárias não deixaram de inspirar quem tinha de lavrar epitáfios ou tecer vistosos elogios.

Neste aspecto, a obra clássica continua a ser a de Raymond Chevallier, *Épigraphie et Littérature à Rome* (Faenza, 1972); contudo, Marc Mayer, Mónica Miro e Javier Velaza, no âmbito da Departamento de Filologia Latina da Universidade de Barcelona, decidiram elaborar um texto-guia, a que deram o sugestivo título de *Littera in Titulis Tituli in Litteris*, com o subtítulo (que traduzo) *Elementos para o Estudo da Interação entre Epigrafia e Literatura no Mundo Romano*⁵. E abre a Introdução justamente com a citação de uma frase de Raymond Chevallier: «Aos latinistas falta amiúde cultura histórica e consideram a Epigrafia como uma ciência de especialistas».

⁵ Edições da Universidade de Barcelona, Textos Docents 121, 1998.

Poderia, neste ponto, adiantar já alguns exemplos desta interacção, patente, inclusive em textos do território nacional⁶. Sirva-nos apenas um.

Procede da região de Beja o fragmento de um epitáfio, hoje desaparecido, mas transmitido por um desenho fiel da autoria de Frei Manuel do Cenáculo, mandado lavrar em honra de Júlia Marcela, por seu marido: *Iulius Marinus uxori pientissime fecit*⁷. Até aqui, nada de excepcional, uma vez que a *pietas* era, como se sabe⁸, uma das virtudes maiores dos Romanos. No entanto, o elogio maior que Marino faz à mulher é que ela se distinguiu por ter sido... *uno contenta marito!*... À letra, veríamos aqui implícita (ou explícita...) a condenação de toda a gente que o rodeava, pois que seriam raras – seguindo esse raciocínio... – as mulheres que apenas com um marido se contentassem!... Ao epigrafista cumpre, pois, interrogar-se: será legítimo tal concluir? Que quererá, na realidade, significar esta expressão?

Trata-se, sem dúvida, de frase retirada da linguagem literária, inspirada em Catulo ou em Plauto⁹ e que mais não pretende pôr em realce que a fidelidade conjugal de que Marcela teria dado sobejas provas.

E, por conseguinte, mais uma via está aberta para se encarar o estudo das epígrafes romanas como fecundos mananciais didácticos!

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

⁶ No concernente ao *conventus Pacensis*, dediquei ao tema algumas páginas de síntese no livro citado na nota 1: p. 836-840.

⁷ IRCP 357.

⁸ E a Doutora Maria Helena da Rocha Pereira salientou-o muitíssimo bem: cf. *Estudos de História da Cultura Clássica. II volume – Cultura Romana*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, ³2002, p. 338-342.

⁹ Cf. P. Cugusi, «*Carmina Latina Epigraphica* e tradizione letteraria», *Epigraphica*, 44, 1982, p. 65-107 (sobretudo p. 75-76).
